

## O TOKOISMO: UM ANTIVÍRUS CONTRA O EPISTEMICÍDIO DA IDENTIDADE AFRICANA DE 1949 A 1973

CHIQUITO AFONSO FERNANDO DOMINGOS<sup>7</sup>

### RESUMO

Nesta pesquisa, propomo-nos analisar o Tokoismo como antivírus contra o epistemicídio da identidade africana entre 1949 a 1973. O estudo é qualitativo, baseando-se na revisão bibliográfica, documental e análise de entrevista. Entretanto, os dados confirmaram que o Tokoismo é, na sua multidimensão, um antivírus que serviu de baluarte da cultura africana perante a doutrina colonial da morte dos hábitos e costumes nativos. Igualmente, percebeu-se que o Colonialismo operou como uma espécie de vírus que procurou devastar a originalidade dos povos colonizados, tornando-se epistemicamente etnocida, linguicida e religiocida, mas o Tokoismo foi, a partir de 1949, um antídoto contra esta prática de silenciamento da identidade nativa. Finalmente, concluiu-se que o Tokoismo na sua postura antiviral mitigou relativamente os efeitos nefastos da violência cultural exercida eurocentricamente pelo colono, revitalizando a identidade africana por meio da sua doutrina.

Palavras-Chaves: Epistemicídio; Etnocídio; Linguicídio; Identidade; Eurocentrismo.

### ABSTRACT

*In this research, we propose to analyze Tokoism as an antiviral against the epistemicide of African identity between 1949 and 1973. The study is qualitative, based on bibliographical and documentary review and interview analysis. However, the data confirmed that Tokoism is, in its multidimension, an antiviral that served as a bulwark of African culture in the face of the colonial doctrine of the death of native habits and customs. Likewise, it was noticed that Colonialism operated as a kind of virus that sought to devastate the originality of colonized peoples, becoming epistemically ethnocidal, linguicidal and religiocidal, but Tokoism was from 1949 onwards an antidote against this practice of silencing identity native. Finally, it was concluded that Tokoism, in its antiviral stance, relatively mitigated the harmful effects of cultural violence exercised Eurocentrically by the colonist, revitalizing African identity through its doctrine.*

**Keywords:** *Epistemicide; Ethnocide; Linguicide; Identity; Eurocentrism.*

<sup>7</sup> Escola Superior Pedagógica do Cuanza-Norte.

## Introdução

Nesta pesquisa, abordou-se sobre o Tokoísmo como um antivírus contra o epistemicídio da identidade africana durante a colonização de 1949 a 1973. Importa salientar que o período em estudo foi de intensa atuação colonial em Angola, sobretudo, devido a emergência e efervescência do Salazarismo, um regime colonial extremamente genocida, epistemicida, religiocida e etnocida.

Entretanto, Simão Gonçalves Toko, enquanto fundador e doutrinador do Tokoísmo, prescreveu um conjunto de princípios que contrariaram a postura epistemicida ou eurocêntrica do Colonialismo, que durante séculos assassinava a identidade africana. Visão de Toko visava a restauração dos hábitos e costumes africanos, bem como, conhecimentos inerentes a africanidade, desde que, não atenta contra a dignidade da pessoa humana.

Normalmente, o epistemicídio “consiste na violência contra o conhecimento, saber ou cultura dos povos tidos como vassalos ou sujeitos a subordinação” (GONÇALVES; MUCHERONI, 2021, p. 1), tal como, testemunhou-se durante a colonização em Angola, em particular e, África em geral, em que a sabedoria africana e vários hábitos e costumes amalgamados na africanidade, foram rejeitados, destruídos e mortalizados pelo colono, fazendo com que muitos africanos, hoje, além da própria pele - negra ou nacionalidade, nada mais o identifica como genuinamente africano.

Entretanto, o epistemicídio “é o processo político-cultural através do qual o conhecimento produzido por grupos sociais subordinados é morto ou destruído, como forma de manter ou aprofundar essa subordinação [...]” (SANTOS, 1998, p. 208, apud. GONÇALVES; MUCHERONI, *Ibidem*, p. 3, tradução nossa).

Neste sentido, África sofreu no passado, o epistemicídio, na qual, uma boa parte da sua identidade ou cultura, foi morta, sujeitando-se a subordinação e a assimilação coerciva da cultura colonial. Por isso, o Tokoísmo posicionou-se como um elemento antiviral, porque conseguiu resistir, rejeitar e reduzir significativamente os efeitos desastrosos do colono contra a cultura africana, construindo um sistema religioso protetivo, “detector e eliminador de vírus” (PAULA, 2018, p.12) epistémico que contradizia a africanidade.

No entanto, o líder dos tokoístas criou dentro da sua doutrina religiosa, escolas que se libertaram relativamente do Eurocentrismo e “estabeleceu o ensino das línguas africanas e a organização das tribos ou etnias” (NUNES, 2018; KISELA, 2013), para restaurar vários elementos identitários da cultura Bantu, que havia sido flagelada há séculos pelo vírus da colonização que fomentou o epistemicídio linguístico - linguicídio.

Outrossim, se entende-se o Colonialismo, como uma filosofia ocidental do silenciamento

dos saberes inerentes aos nativos, então é, também, perceptível que o Tokoísmo, enquanto doutrina de defesa e manutenção da cultura africana, constitui um antivírus contra o epistemicídio, porque seus passos estavam alicerçados na base da proteção da identidade de África, de maneira que o Eurocentrismo não fosse tão agressivo ao ponto de o continente berço perder totalmente sua originalidade. Por isso, os Tokoístas, privilegiam a espiritualidade, as línguas, os nomes, hábitos e costumes africanos, em razão da sua rejeição as ordens coloniais que pretendiam substituir totalmente os valores africanos.

Entretanto, se a epistemologia “é o estudo dos conhecimentos [...]” (JUNIOR, s.d., s.p), o epistemicídio é a sua morte ou neutralização, visando à imposição do conhecimento do povo que domina sobre o povo dominado, desrespeitando e matando toda estrutura tradicional e epistemológica do povo dominado.

Em suma, nesta pesquisa, o vírus é o Colonialismo que por meio da atitude eurocêntrica, estimula a superioridade racial e cultural - aque chamam de civilização europeia, como fundamento para dominar e silenciar a cultura dos nativos, sobretudo, africanos. Porém, o Tokoísmo, ajusta-se neste estudo como sendo um antivírus, ou seja, o restaurador e defensor do saber legitimamente africano.

Entretanto, se por um lado, o Colonialismo é epistemicida, ou vírus dogmáticos forjados pelo colonizador, para subalternizar e ao mesmo destruir a continuidade da identidade dos subalternos, por outro, o Tokoísmo é do ponto cultural um “sistema concebido para proteger e eliminar vírus” (PAULA, opi. Cit., p. 13), que ameaçam epistemicamente a segurança e manutenção da identidade africana.

Todavia, em Angola, não se faz referências do Tokoísmo, enquanto um elemento de defesa da identidade africana, se acaso existe, não há divulgação suficiente. Estamos cientes que o Tokoísmo não é apenas um movimento de resistência religiosa, porém, ela é multidimensional, e forjou-se como uma doutrina de proteção da cultura africana, contra a violência cultural da colonização entre 1949 a 1973. Porém, apesar de tudo isto, não há investigações para aferir até que ponto o Tokoísmo, mais do que religião, foi um antivírus contra o epistemicídio da identidade africana.

Contudo, em consonância da situação, levantou-se a seguinte questão de partida: Como Tokoísmo tornou-se antivírus contra o epistemicídio da identidade africana durante a colonização de 1949 a 1973? Ademais, estabeleceu-se o seguinte o objetivo geral: analisar como Tokoísmo tornou-se antivírus contra o epistemicídio da identidade africana durante a colonização de 1949 a 1973. De igual modo, determinou-se os seguintes objetivos específicos: enquadrar metodologicamente o estudo em questão; explicitar a reação dos tokoístas contra a morte das línguas africanas; destrinçar a instituição das tribos no

Tokoismo como estratégia antiviral contra o linguicídio e o etnocídio; aclarar a defesa da espiritualidade africana por parte dos tokoistas para compreensão da narrativa colonial sobre a destruição da casa dos ídolos; detalhar a forma como Tokoismo tornou-se antivírus contra o epistemicídio da identidade africana durante a colonização de 1949 a 1973; identificar as consequências da luta Tokoismo contra o epistemicídio da identidade africana de 1949 a 1973.

De igual modo, esta pesquisa justifica-se pela sua relevância histórica e antropológica, pois, fará a sociedade angolana compreender que o Tokoismo além de religião, é um baluarte de defesa da identidade africana contra a postura de neutralização de hábitos e costumes dos povos nativos, por parte do colono europeu entre 1949 a 1973.

### **Metodologia**

É de salientar que a presente pesquisa é de natureza qualitativa, enquanto que, no que concerne ao objetivo, é analítica, porque focou-se na análise do Tokoismo como antivírus contra o epistemicídio da identidade africana entre 1949 e 1973.

De igual modo, a pesquisa serviu-se de método bibliográfico e documental, pois, “revisou-se publicações e obras de diversos pesquisadores ou estudiosos sobre o assunto em questão, por outro, recorreu-se aos documentos” (LAKATOS; MARCONI, 2001, apud. OLIVEIRA, 2011, p.19), que não sofreram tratamento bibliográfico, como foi o caso do decreto-lei nº39666, 20 de maio de 1954 e a Constituição portuguesa de 1933. Ademais, recorreu-se bibliograficamente à livros, artigo e outros.

Assim sendo, quanto a coleta de dados, a pesquisa serviu-se de entrevista, sobretudo, a semiestruturada, na qual, através de “uma conversa informal dirigindo questões de uma forma simples, aberta e liberal” (ARAGÃO; NETA, 2017, p. 35), aos entrevistados confirmou-se a veracidade sobre o Tokoismo como antivírus contra o epistemicídio da identidade africana durante a colonização de 1949 a 1973.

Por outro lado, as entrevistas, realizaram-se com vinte e dois (22) indivíduos em 2023, distribuídos da seguinte forma: dez (10) tokoistas; dez (10) estudantes do curso de História da Escola Superior Pedagógica do Cuanza-Norte; e dois (2) professores de Antropologia. No entanto, os entrevistados estão entre os 23 e 60 anos de idade.

## O Tokoísmo e o lingucídio: a reação dos tokoístas contra a morte das línguas africanas - a manutenção do primeiro elemento identificador de uma Nação

Entretanto, o epistemicídio linguístico ou o lingucídio, tem suas raízes antes de 1949, isto é, com a penetração colonial em África. No caso de Angola, data a partir dos contatos de Diogo Cão com o reino do Kongo, em 1482.

Doravante, NzingaNkuvu, o rei do império, não conseguiu fazer uma leitura da pretensão dos “*mindele mia mputu*”<sup>8</sup>, e o que parecia ser embasada nas relações diplomática e de amizade, tornou-se na gênese de destruição das línguas africanas de Angola (Kikongo, Kimbundu, Umbundu, Tchokwe, Kwanhama e outras), porque na tentativa de adotar o português como segunda língua e facilitar a comunicação com os novos parceiros políticos, arriscou-se a assinar um acordo de assassinato das línguas bantu.

Outrossim, com o envio da primeira embaixada do Kongo à Portugal, liderado pelo “embaixador NzakuKassuta, em 1489” (PARREIRA, Opi. Cit., p. 13), o Rei NzingaNkuvu, consolidou cegamente o processo sistemático do lingucídio. Nesta ocasião, os portugueses não tiveram enormes interesses em aprender o Kikongo e dar-lhe o devido valor, porém, apenas de ensinar aos Kongueses o português, para facilitar a comunicação, penetração dominação e destruição do Kikongo.

Contudo, na óptica do colonizador, ensinando o português aos pretos seria urgente, e estes, se encarregariam em destruir seu próprio idioma, porque seriam eles a ensinarem o português aos seus compatriotas, deixando no segundo plano ou sob morte silenciosa a língua Kikongo, para satisfazer os interesses do colono.

Ademais, “a partir de 1507, reinado do MbembaNzinga, que muito bem recebeu os portugueses” (PEDRO, 2012 p. 82), começou um processo violento de imposição do português e morte da língua Kikongo. Entretanto, a família real estava disposta a se submeter a cultura lusa. Por isso, foram os mais instruídos do Kongo na língua e na gramática portuguesa, pelo incentivo de MbembaNzinga que até matava os que se rebelavam contra suas políticas de subalternização e lusitanização dos Kongueses. Por isso, no dia 6 de julho de 1533, terá se confirmado o seguinte:

*Uma portaria menciona Afonso, um sobrinho do Ntotela Afonso I Mbemba-a-Nzinga, na qualidade de professor de gramática em Lisboa. Afonso era professor de Humanidades em Lisboa, onde possuía um estabelecimento de ensino situado no Bairro das Escolas. Neste ano fez uma petição para que mudasse de local, pois pretendia, além de continuar a dar aulas, frequentar também o colégio de S. Domingos (PARREIRA, 2003, p. 19).*

Isto mostra que a classe real o Kongo já estava numa fase de civilização lusitana muito

8 Na língua Kikongo do Povo Bakongo significa “brancos portugueses”.

alta, o que significava abandono das raízes nativas por opção, por parte da família real e, por imposição, por parte do povo do Kongo, que era ameaçado e perseguido até a exaustão pelo MbembaNzinga, sempre que resistisse ou manifestasse publicamente sua oposição ao Eurocentrismo.

Por isso, decorrido quase 500 anos de colonização, surge em 1949, o Tokoísmo a partir do Kongo-Belga, como uma plataforma teológica e antropológica de defesa da identidade africana, tendo em Leopoldville, criado espaços próprios de aprendizado das línguas africanas, especialmente angolanas, para contrapor o epistemicídio linguístico, numa África onde boa parte da população, tinha sido ao longo dos séculos formatado segundo a cultura ocidental.

Toko já compreendia que por meio do epistemicídio os pretos haviam sido “destituídos da sua humanidade e como consequência da sua racionalidade” (PESSANHA, 2019, p. 168), porque na perspectiva do colonizador valia epistemicamente apenas o pensamento e a identidade europeia, e as culturas nativas eram tidas como selvagem e sem razão de existirem.

Assim sendo, Simão Toko, não pretendia ver África dependente de uma língua do colonizador para difundir o seu conhecimento, porque percebeu que na implantação da língua ocidental estava também, a morte do conhecimento africano, pois, entendia, que a língua pode conservar, propagar e legitimar o conhecimento de um determinado povo.

Neste sentido, a morte de uma língua - linguicídio, igualmente, significa a morte do conhecimento do povo que a verbalizava - epistemicídio. Por isso, o colono quando chega em África, entendeu que além da religião, para poder dominar o preto, tinha de matar a sua língua, “impondo o português” (EVARISTO, 2021), para que estes, esquecendo o seu idioma, pudessem deixar no segundo plano ou mesmo desvincular-se da sua identidade, tornando-se num mero absorvedor e legitimador de um conhecimento eurocentrizado - epistemicídio.

*O extermínio do conhecimento, da língua, da cultura pelos colonizadores reverberou num ato de morte, resultando na subserviência e dependência eurocêntrica. Dos povos originários [...], passando por diferentes grupos étnicos, frequentamos uma escola que legitima o conhecimento monolíngue formatado pela norma padrão do colonizador. Assim, narrar as histórias [...] pela língua do branco, põe nas margens todas as outras formas de pensar, de expressar, de escrever (NAWROSKI; COSTA, 2022, p. 1).*

Razão pela qual, hoje muitos africanos por falta de domínio e serem produtos da escola ocidentalizada, ainda acham que África, além do Egito, terá feito pouco ou quase nada, para história da humanidade, sem perceber que este é um elemento epistemológico

que de forma filosófica, o colono forjou linguisticamente para nutrir aos povos nativos o sentimento de dependência e inferioridade.

No caso de Angola, o colono português determinou o linguicídio por meio do banimento da comunicação em espaços públicos por via das línguas nativas, como Kikongo, Kimbundu, Tchokwe, Umbundu, Oshiwambo e outros. Com esta postura, criaram programas de assimilação, voltadas para língua portuguesa como único e exclusivo instrumento de comunicação em qualquer ambiente [nas escolas, igrejas, trabalhos, ruas e outros]. Neste sentido, com a exclusividade e obrigatoriedade da comunicação e ensino em português, a tendência era matar os conhecimentos dos pretos de Angola - epistemicídio. E, se um preto não aprendesse fluentemente o português não seriam considerados cidadãos dignos de alguns privilégios. Logo, renunciar completamente a sua identidade seria a condição “sinequa non”, para ser relativamente considerado como pessoa.

Por isso, a partir da década de 1940, Simão Gonçalves Toko, percebendo o nível de destruição que haviam atingido as línguas africanas, decidiu a criar programas de ensino e com recurso as línguas Bantu, a começar pelo Kikongo. No entanto, durante a sua estadia no Kongo - Belga, fundou aos “5 de abril de 1943, o coral de Kibokolo com 12 rapazes”<sup>9</sup> (NUNES, 2018, p. 101), dentro qual, criou programas de ensino em língua materna, para potenciar o resgate deste idioma que aos poucos ia desaparecendo pela força do epistemicídio, porque “Toko, para além dos saberes missionários falava Kikongo, a língua dos Bakongo” (FERREIRA, 2012, p. 26-27).

Esta escola - Coral de Kibokolo, tornou-se um bastião da identidade Bantu, porque na medida que Toko ia ensinando, o povo ficava conscientizado e aderiu os seus ensinamentos, por isso, o que começou com apenas 12 membros, evoluiu para 200 e deste, até 3000 mil homens, em 1949, de tribos diferentes de Angola, dando um passo significativo no combate do vírus da colonização - epistemicídio.

Outrossim, o linguicídio terá sido legalizado, sobretudo, nos termos da alínea b) do artigo 56º, do Decreto-Lei nº 39 666, de 20 de maio de 1954, no qual, determinou-se que o preto pode ser cidadão se “falar corretamente a língua portuguesa” (PORTUGAL, 1954, p. 221), facilitando o abandono das línguas nativas por parte daqueles que em meio a discriminação e subalternização, não viam outra alternativa, senão aceitá-la para garantir um mínimo de crescimento e respeito social, num contexto de colonização agressiva e racista.

Neste sentido, é de reiterar que se para ser cidadão, o preto tinha de abandonar ou reduzir a força da sua língua e assimilar perfeitamente o português, então o Eurocentrismo - Colonialismo, é epistemicida, porque destina-se a neutralizar os hábitos e costumes dos

<sup>9</sup> Miguel Massukinini; Simão Lázaro; Kunzika Manuel; António Kiala; Kiese Ferdinand; Mankondo Daniel; Domingos Manuel; Ambrósio Massamba; Tussamba Sebastião; Carlos Agostinho Cade; Kiaku André; Dodão Paulo Pedro (KESELA, 2013, p. 33).

povos subalternos, através do etnocídio e linguicídio.

Entretanto, em 1949 no Kongo - Belga, Simão Toko, “começou a criar grupos de encontros comunitários para orações e aulas de estudos bíblicos” (FERREIRA, opi. Cit., p. 27), profundamente realizado na língua Kikongo. Por conseguinte, até orações, pregações, hinos e cantos, eram feitos na língua Kikongo, como sinal de restauração e proteção desta língua angolana do epistemicídio a que estava exposto devido a colonização, a fim de perpetuá-la e conservá-la.

De igual modo, todos os meninos que nasciam no seio dos adeptos tokoistas, falavam a língua materna, antes mesmo de aprender a língua do colonizador. Poderiam ter dificuldades de se comunicar em português, mas a língua Kikongo, era um instrumento integral de comunicação. O próprio Simão Toko, falava o português com alguma dificuldade, porque priorizava sua língua materna, como forma de antivírus contra o Eurocentrismo.

Neste caso, há que se respeitar o Tokoísmo como parte da identidade angolana, porque “[...] resistir a morte das línguas nativas não é tarefa fácil, uma vez que passam por pressões [...] e falta de políticas de revitalização” (NAWROSKI; COSTA, opi. Cit., p. 2), ainda arrisca-se sofrer opressão e repressão, tal como aconteceu com os tokoistas que revelaram um sangue resistente contra o epistemicídio, diante das autoridades coloniais.

### **A instituição das tribos no Tokoísmo: uma estratégia antiviral contra o linguicídio e o etnocídio**

Além do linguicídio, que foi a prática colonial de silenciamento ou destruição gradual das línguas africanas, também, houve o etnocídio, que é a devastação das práticas culturais de um determinado grupo étnico. Para tal, o colono recorreu a violência para intimidar e obrigar o preto desistir da sua prática identitária.

Por exemplo, no século XV, o rei MbembaNzinga (D. Afonso I), sob pressão e influência dos missionários e a realeza portuguesa, perseguiu e matou na fogueira muitos Kongueses por não aceitarem abandonar suas práticas culturais pela cultura portuguesa - genocídio - [inquisição] - etnocídio - epistemicídio

No entanto, de uma forma ampla constituiu epistemicídio, mas, é particularmente, um etnocídio e linguicídio, porquanto, incidiu na tentativa de impor a morte espiritual e cultural do grupo étnico Bakongo e sua língua - o Kikongo. Importa salientar que o etnocídio “é a destruição sistemática dos modos de vida e pensamento de povos diferentes daqueles que empreendem essa destruição” (ENCYCLOPAEDIA UNIVERSALIS, 1974, p. 83). Neste sentido, na destruição de um grupo étnico, pode se confirmar, também, a morte da

sua língua, sobretudo, quando se trata de grupos nativos menores, a violência do opressor incidirá direta e exclusivamente nela.

Por isso, em 1972, como forma de consolidar sua estratégia de combate contra o linguicídio e o etnocídio, Simão Gonçalves Toko, instituiu um sistema de organização eclesiástica baseada em tribos ou etnias, começando com doze (12), no qual, além da inspiração religiosa cristã, seu pendor foi mais cultural, porque consistia na proteção das línguas maternas e manutenção dos hábitos e costumes das referidas tribos de Angola. Neste caso, destacaram-se as seguintes:

*1-Tribo de Maquela do Zombo, liderado pelo Ancião e Pastor Cutendana João; 2-Tribo de Kibokolo, liderado pelo Ancião Vemba Ambrósio; 3-Tribo de Catete, liderado pelo Ancião Anastácio Manuel; 4-Tribo Sulina, liderado pelo Ancião Santos Francisco; 5-Tribo do Dande, liderado pelo Ancião Manuel José Cristóvão; 6-Tribo do Bembe, liderado pelo Ancião Pedro Carlos; 7-Tribo Tchokwe, liderado pelo Ancião Fernando Grego; 8-Tribo de Luanda, liderado pelo Ancião Avelino Manuel; 9-Tribo da Muxima, liderado pelo Ancião Manuel João Eduardo; 10-Tribo Weste, liderado pelo Ancião José N'Tobias; 11-Tribo Norte, liderado pelo Ancião Lopes Martins Panzo; 12-Tribo de Malanje, liderado pelo Ancião André Gouveia (NUNES, opi. Cit., p. 157-160).*

Esta ação foi resultado da resistência dos Tokoistas contra o epistemicídio, que se estendia em toda dimensão social e cultural por conta da violência epistémica ocidental. Neste contexto, o Tokoísmo se afirmou como uma religião que congrega um conjunto de nações Bantu e suas originalidades. A retribalização ou etnização dos Tokoistas, foi um mecanismo de restituição e proteção da essência dos povos que constituem o mosaico cultural angolano.

Entretanto, estas tribos dão percepção de que Simão Toko, a partir de 1950, não conservou somente o Kikongo e grupo étnico Bakongo, mas todas línguas e etnias angolanas congregadas a volta do Tokoísmo, de maneira que todos os convertidos se sentissem integrados e angolanizados. De igual modo, mais velhos tokoistas afirmam que Toko era falante de várias destas línguas bantu, além do Kikongo, dando a compreensão de que era um homem de cultura e com um espírito de angolanidade muito elevada.

Outrossim, no que tange a ordem das tribos ou etnias, retém-se o seguinte: a tribo de Maquela do Zombo, Kibokolo, Bembe, Weste e Norte, falam a língua Kikongo; a do Dande; Luanda, Muxima e Malanje, falam a língua Kimbundu; a tribo Tchokwe expressa a língua Tchokwe; enquanto, que a tribo sulina, a maior do Tokoísmo, estão regionalmente subdivididas em diversas línguas, desde o Kimbundu, Umbundu, Kwanhama, Nyaneka-Humbi, e outras, que compreendem a parte Centro e Sul de Angola, desde a província do Cuanza-Sul, Huambo, Bié, Huila, Benguela, KuandoKubango, Namibe ao Cunene.

Assim sendo, entende-se que o Tokoísmo se posiciona contra o Colonialismo que é uma doutrina etnocida, porque, percebe que na postura violenta do colono querer substituir as culturas indígenas, pelas culturas europeias sob pretextos civilizacionais, estava a morte da identidade africana - epistemicídio.

Por isso, os longos séculos de colonização e a globalização nos remete a compreensão que “somente a cultura ocidental é etnocida” (ENCYCLOPAEDIA UNIVERSALIS, opi. Cit., p. 86), porque impõem seus hábitos e costumes aos demais povos e não admite reciprocidade, bem como, o que parece conceptualmente globalização, é na prática, a imposição de valores ocidentais sobre os povos submissos ou fracos.

Assim sendo, o Tokoísmo é um antivírus defensor e protetor das estruturas etnológicas e linguísticas angolanas, contrariando o vírus do Eurocentrismo que é etnocida e linguicida. De igual modo, o posicionamento dos Tokoístas significa a reconstituição do conhecimento africano, de maneira que suas línguas e todas as manifestações culturais etnologicamente conservadas e produzidas, não fossem exterminadas pelo colono ou pelo vírus do Eurocentrismo.

*Diferentes povos reagem, lutam para que suas línguas não sejam esquecidas, que suas culturas sejam fortalecidas e que elementos em extinção possam renascer a partir dos processos protagonizados pelos povos locais. A revitalização é uma forma de reação ao extermínio, onde as línguas, por exemplo, estão em diferentes processos de uso e de revitalização (NAWROSKI; COSTA, opi. Cit., p. 2).*

Ademais, importa salientar que fruto da destruição das línguas africanas ao longo da colonização, os europeus ensinaram e propagaram a ideia de que em África não existe escrita e nem tampouco história, além de informações distorcidas guardadas na memória - tradição oral, quando, acredita-se que algumas delas, foram os colonos que as destruíram, para doravante justificarem a colonização e legitimarem aos subalternos [nativos] por meio da imposição das línguas e saberes da cultura europeia a ideia de serem inferiores aos brancos.

Por isso, até hoje existem africanos e, não só, que ainda acreditam que o colonialismo foi benéfico, quando deveriam compreender como um retrocesso e programa de mutilação, destruição e morte da identidade e do progresso dos povos dominados [nativos], pois, significou apenas a hegemonização da Europa-ocidente.

## Os Tokoistas e a defesa da espiritualidade africana: o colono destruiu a casa dos ídolos ou devastou uma religião positiva para justificar o colonialismo?

A ascensão do Tokoísmo, foi a afirmação de uma religiosidade considerada pelo colonialismo como sendo idólatra, porque o colono veio como visão subalternizadora bem sistematizada, na qual, a postura epistemológica, foi de banalizar e impulsionar o preto a abandonar suas crenças. Entretanto, o Tokoísmo constituiu um entrave a esta postura epistémica colonial, porque a partir de 1949, estabeleceu um conjunto de princípio que se imuniza da violência eurocêntrica.

Outrossim, sabe-se que muito antes da década de 1940, no século XVI, o rei do Kongo, MbembaNzinga [Dom Afonso I], já convertido e domesticado pelos portugueses, decretou “repressão e condenação à morte na fogueira a todos quanto rejeitaram a conversão obrigatória ao Cristianismo” (PEDRO, opi. Cit., p. 85).

Entretanto, debelou a suposta “revolta da casa dos ídolos em 1550, reprimindo Muximbata e seu primo Mpangu-a-Kitina” (Ibidem), guardiões que clamavam pela proteção da identidade, soberania e a religiosidade africana no Kongo.

No entanto, a questão que não se cala até no seio dos historiadores e antropólogo é a seguinte: Dom Afonso I, debelou mesmo revolta da casa dos ídolos ou foi um genocídio contra os oponentes do Eurocentrismo? Foi uma operação de destruição de estatuetas ou repressão a todos que tentassem manifestar repúdio a conversão coerciva à crença estrangeira? Até onde se sabe, nem todos religiosos do Kongo usavam estatuetas para se ligar a Deus e o uso de estatuetas como arte social e religiosa, é parte de todas culturas da terra, pois, até onde o Cristianismo nasceu houve tais práticas e a doutrina católica também veio com a cultura escultórica de representação dos santos.

Então, porquê rotular todos africanos como idólatras? A resposta é óbvia: o colono procurou em jeito de epsistemicídio, marginalizar e estigmatizar o conhecimento e a identidade religiosa africana, para justificar silenciosamente a colonização, submetendo pacífica e violentamente os pretos a crença cristã.

Os africanos, até a chegada dos europeus não eram todos detentores de ídolos para se a chegar à Nzamby-a-Mpungu, porque a via mais corrente da ligação à Nzamby [Deus], era a invocação da mediação dos ancestrais que ao longo da vida terreal reuniram virtudes dignas de santidade.

É por meio dos ancestrais que os pretos se ligavam à Nzamby, porque entendem que a Deus deve se pedir intermediação e não lhe dirigir palavras diretamente, porque ele é grande, infinito e digno de respeito, pois, nem todo homem é santos o suficiente para falar

diretamente para Deus como se fosse seu amigo ou um ser da sua total intimidade. Ele é pai e o pai deve ser honrado, respeitado, reverenciado, adorado e temido.

No entanto, a isto os missionários protestantes e católicos, consideraram idolatria, mas agora vemos: quem são os santos do cristianismo? Foram avós, bisavós, tataravós, pais, tios, mães ou familiares de outros homens, aquém se acredita que o espírito de Deus nele repousou. Por isso, vale lembrar que os ancestrais africanos também receberam o espírito de Deus e são dignos de intermediação. Se for idolatria invocá-los na oração por terem sido homens, também, seria idolatria, invocar a virgem Maria, Isaac, Jacob e outros santos abrahâmicos ao longo da oração, porque também foram homens.

Neste sentido, uma grande controvérsia, no domínio da escultura religiosa, foi o caso dos missionários católicos terem banido tal prática no reino do Kongo, mas em contrapartida não terem feito nada para melhorar, porque apenas substituíram as estatuetas pretas pelas brancas, constituindo não apenas uma contradição para sua opinião sobre idolatria em África, mas também, uma evidente manifestação do epistemicídio. Neste sentido, para ambos casos, poderia no cristianismo ser idolatria, mas como substituiu-se as estatuetas negras pelas estatuetas que representam os santos brancos, pareceu lógico na perspectiva eurocêntrica.

Sem atingir quaisquer doutrinas religiosas, é apenas uma reflexão antropológica, para compreendermos a problemática da colonialidade, tendo em conta os meandros do epistemicídio provocado pelo Colonialismo. Os santos ou estatuetas entregues aos pretos para invocação e pedido de mediação, são majoritariamente brancos, sob pretexto de que os objetos pretos são pagãos e do abismo.

Este cenário, desenvolveu no africano, um profundo complexo de inferioridade, e alienação a igreja ocidental, abandonando parte da sua arte e manifesto cultural, sem perceber que estava sendo alvo de um vírus que por 500 anos moraria no ventre de África, causando estragos, retrocesso cultural, mortes, memórias de tristeza e luto.

Por isso, entendemos que o posicionamento colonial de perseguição ao Tokoísmo, foi para matar a lucidez e liberdade dos pretos que emergia neste movimento, que permitiria que o preto estabelecesse uma comparação entre sua idealidade e aquela ensinada pelos brancos, compreendendo o caminho certo e errado, para atingir o estado de libertação.

Estátuas Africanas, deixaram de serem trabalhadas com refulgência por conta da colonização, porque os pretos assimilaram que são objetos associados ao satanismo e paganismo, pois, na óptica colonial, somente as estátuas dos brancos são religiosamente dignas de representação, porque estão associadas aos verdadeiros santos. Isto é, sem sombras de dúvidas, puro epistemicídio e a devastação da arte africana.

Apesar de tudo, o preto dormiu nestes contos subalternos durante quase 500 anos, e quando acordou, viu boa parte das suas estátuas supostamente satânicas, nos museus da Europa, favorecendo a investigação, turismo e riquezas, para aqueles que nos ensinaram a menosprezá-las. Se o que é satânico é destrutivo, porquê agora dão dinheiro e fazem render aqueles que às marginalizaram no passado? Quantas estátuas de África estão na França e outros lugares da Europa? São várias.

Logo, tudo isso foi uma estratégia sistemática de epistemicídio. Deixar África vazia e, sem sinais evidentes da sua produção cultural, para que todas gerações em encontrassem uma justificação aparentemente lógica para a existência do Colonialismo e perpetuação do Neocolonialismo, por meio da nutrição cerebral do complexo de inferioridade dos nativos e elevação da superioridade branca.

Razão pela qual, o Tokoismo, é um antivírus contra o epistemicídio da identidade africana. As insinuações errôneas contra a espiritualidade africana, foram apenas fundamentações para desenraizar os pretos da sua matriz espiritual e investirem numa doutrina estranha a sua realidade. Matar sua identidade e matar-se a si mesmo na história da humanidade, deglutindo o vírus do preconceito, vassalagem e inferioridade, era a essência da instrução do colonialismo.

### **A forma como o Tokoismo tornou-se antivírus contra o epistemicídio da identidade africana durante a colonização de 1949 a 1973**

No que concerne a esta questão, os entrevistados convergiram ao afirmarem que o Tokoismo se tornou antivírus por estabelecer um conjunto de mecanismos de proteção da cultura e de eliminação da doutrina epistémica colonial inerente a destruição da identidade africana. O entrevistado “Y”, estudante da Escola Superior Pedagógica do Cuanza-Norte, afirmou que Simão Toko ao estabelecer uma doutrina que respeita os princípios étnicos, virou-se contra o ensino do colono, que menosprezava as etnias africanas. Por exemplo, na sua religião acolheu e organizou as tribos, e quando parecia que vai separar, só fortaleceu a unidade e o respeito entre os tokoistas.

No entanto, o entrevistado “X” e “Z”, crentes tokoistas, afirmaram que uma das formas que o Simão Toko tornou o Tokoismo como antivírus contra a destruição da identidade africana, foi a criação de escolas ou espaços educativos voltado para o ensino das línguas maternas. Ele exigia que todotokoistas devem antes aprender sua língua nativa, contrariando o princípio do colonizador sobre a obrigatoriedade e exclusividade de aprendizagem da língua portuguesa.

Ademais, “C”, professor e antropólogo, além de reiterar que o Tokoísmo é a única reserva moral do Estado angolano, realçaram que o Tokoísmo se tornou um antivírus contra o epistemicídio, porque numa fase em que o Catolicismo e as missões eram baluartes do Colonialismo, trouxe uma outra concepção de ser Cristo, mostrando que Jesus não é branco, porque defendiam que o Simão Toko é o Jesus africano e salvador dos negros, ou seja, encarna o Cristo na aparência negra, abalando o ensino colonial que dizia que Deus e os anjos são brancos e somente a religião cristã ocidental leva a salvação e, é a única digna de salvar os povos indígenas.

Outra situação importante é o fato dos entrevistados, unanimemente, terem confirmado que a espiritualidade tokoístas é peculiar e tipo de África. Por exemplo, o entrevistado “B” e “D”, convergiram ao afirmarem que o Tokoísmo é a única religião que conseguiu resistir e mostrar aos brancos que a espiritualidade africana não é bruxaria, porém, há sim pureza na sua maneira de se manifestar. Neste contexto, o rótulo de religião idólatra, foi atribuída pelo colonizador para cimentar a confiança dos nativos na religião ocidental que lhe servia de escudo de proteção da doutrina colonial.

Entretanto, nisto entendemos, porque até mesmo a “destruição da casa dos ídolos em 1550” (PEDRO, opi, cit., p. 85), no reino Kongo, não foi como se narra nos testemunhos do colono, porém, submeteram a inquisição por meio da lusitanização do rei MbembaNzinga, milhares de pretos que ainda defendiam a identidade religiosa do povo Bantu, sem a qual, não tinham o poder para decifrar mistérios e vencer os inimigos.

Ademais, a reação dos destemidos defensores da espiritualidade africana, custou sangue e acusação de feitiçaria e espiritismo, porque no menosprezo desta religião estavam os segredos da colonização e a vitória do Euroncentrismo sobre a cultura étnica africana.

De igual modo, os resultados são satisfatórios, porque confirmam os problemas formulado. Neste sentido, quando o entrevistado “Y”, afirma que Toko estabeleceu uma doutrina que respeita os princípios da étnicos, confirmamos, porque Simão Toko ao longo da sua destemida luta contra a colonização, estabeleceu no seu “movimento a organização do seu amplo povo em 12 tribos ou etnias” (NUNES, opi. Cit., p. 157-160), para combater o etnicídio ou epistemicídio premeditado pelo sistema colonial.

De igual modo, esta estratégia de Simão Toko demonstra uma oposição ao Colonialismo, porque um dos projetos etnocida do colono foi a destribilização ou destruição de toda originalidade étnica, mas a partir de 1972, os tokoístas, revelaram consolidar sua rejeição a este projeto, para reavivar a identidade africana, numa postura antiviral contra o vírus devastador da cultura africana - o Colonialismo - Eurocentrismo.

Esta postura dos tokoístas, trouxe de volta a essência dos hábitos e costumes dos angolanos

e legitimou a autoestima dos pretos de Angola, face a marginalização e diabolização da identidade negra pelo colono. Neste sentido, cada uma das tribos resgatou sua originalidade, suas regras e sua moralidade. Em suma, restauraram um conjunto de elementos materiais e imateriais que os torna iguais a si mesmos e diferentes de outras nações e culturas - identidade.

Igualmente, como afirmam satisfatoriamente o “X” e o “Z”, entendemos que além da “criação de escolas de ensino das línguas maternas” (KESELA, opi. Cit., p.33), terem sido uma estratégia clara de combate ao epistemicídio linguístico, também, interpretamos, como reiterou “Y”, que a instituição das tribos constituiu, ao mesmo tempo o combate ao linguicídio, porque na congregação das referidas tribos, estava a proteção das línguas que identificavam os povos bantu congregados no Tokoismo.

Por isso, reitera-se que o fomento da etnização dentro do Tokoismo não foi apenas para o resgate de hábitos e costumes, mas de combate ao linguicídio, ou seja, uma estrutural antiviral contra o vírus colonial de morte das línguas nativas africanas.

Outrossim, é novidade para presente pesquisa, quando os antropólogos “C”, afirma que o “Tokoismo trouxe uma outra concepção de ser Cristo, mostrando que Jesus não é branco, porque defendiam que o Simão Toko é o Cristo africano e salvador dos negros”, fazendo-nos compreender o desvinculo dos pretos aliados ao Simão Toko em relação a igreja ocidental e o combate ao epistemicídio religioso ou religiocídio. Isto é uma novidade científica que se pode refletir nas pesquisas futuras.

### **Consequências da luta do Tokoismo contra o epistemicídio da identidade africana de 1949 a 1973**

No entanto, quanto a esta questão, os entrevistados, apontaram que os tokoistas foram mortos, devido a sua coragem em desafiar o colono na luta pela justiça e combate ao epistemicídio durante a colonização. Ademais, o entrevistado “H” e “W”, ambos naturais do Uige e crentes, apontam que muitos tokoistas foram mortos a sangue frio, pelo colono no desvio da pedreira e no Bungo. Eles acrescentam que houve tokoistas que eram amarrados e arrastados com carro até a morte, por lutaram contra a destruição da identidade africana que o colono forjava há séculos.

O entrevistado “L” e “D” apontam que têm conhecimento que os tokoistas eram queimados vivos pelos agentes do regime salazarista. Por outro lado, os entrevistados “C” e “Y”, apontaram que os tokoistas, além de serem mortos, eram também desterrados das suas zonas de origem, para terras longes, onde vivia como presos e trabalhadores nas fazendas,

sem direito a remuneração digna.

Neste sentido, é significativo quando os entrevistados “H” e “W”, afirmam que os seguidores de Simão Toko “foram mortos a sangue frio, pelo colono no desvio da pedreira e no Bungo”, porque segundo Simão Kibeta (2002), “os tocoistas foram massivamente assassinados nestas zonas”, por pregarem uma palavra que liberta e instituírem uma doutrina que defende a identidade dos nativos e, não se esperava outro resultado quando se choca com a doutrina de quem oprime, pois, a violência era um princípio norteador do colono, quando se confrontasse com ondas de oposição ao regime.

De igual modo, os entrevistados “L” e “D” acertam quando afirmam que os tokoistas, foram queimados, pois, na perspectiva de Nunes (2022), “os tokoistas, eram acorrentados e enrolados em tecidos, para depois serem queimados” sob olhar alegre do opressor colonial que muito se divertia com a mortes dos tocoistas, porque constituíam perigo ao Eurocentrismo.

Outrossim, percebe-se pelo entrevistado “C” e “Y” que quando o colono se viu frustrado pela refulgência dos tokoistas, sentiu-se na obrigação de separar ou dispersá-los, para reduzir sua força e influência, por isso, tokoistas tiveram destinos diferentes, tais como: São Tomé e Príncipe, Portugal e outras paragens do império português. Neste sentido, pelo menos a trajetória do Profeta Simão Toko se subscreve da seguinte forma:

*No Colonato de Caconda, onde lhe foi fixado residência em 1950, permaneceu dois anos. [...]. Pelo mesmo motivo foi várias vezes transferido, sendo, em 1952 para o Posto de Jaú, em 1954 para Cassinga e 1955 para Ponta Albina. Em outubro de 1961 foi encaminhado para Luanda para, em 1963 ser exilado por vários anos na Ilha de São Miguel dos Açores (SANTOS, 1971, p. 378, apud. FERREIRA, opi. Cit., p. 39).*

Por conseguinte, entende-se hoje que ao invés da dispersão gerar desordem, vulnerabilidade e infidelidade, pelo contrário, gerou coesão e expandiu o Tokoísmo, porque a prisão e o desterro de Toko fortaleceu a simpatia e vínculo dos adeptos ao Toko e oposição ao epistemicídio colonial, pois, “o líder preso torna-se um símbolo que estimula a oposição” (BALANDIER, 1971, apud., FERREIRA, opi. Cit., p. 95), contra o opressor genocida, linguicida e etnocida, como foi o caso de Salazar. Em Suma, corroboramos com os entrevistados quando unanimemente afirmam que os Tokoistas foram torturados, porque segundo Nunes (opi. Cit., p. 218-219), de “1965 e 1967, os adeptos de Simão Tokona luta pela liberdade para contraria a postura epistémica colonial em Angola”, foram reprimidos e presos diversas vezes”.

## Considerações finais

No entanto, os resultados concluem que o Tokoísmo é amplamente um antivírus contra o epistemicídio colonial a que a cultura africana estava exposta. Neste sentido, sendo o Colonialismo uma espécie de vírus destrutivo que tinha por finalidade garantir a morte da identidade dos povos nativos, confrontou com uma outra estrutura, o Tokoísmo, cujo propósito era de defender a identidade africana contra Eurocentrismo, que firmado na violência colonial, era um motivo de morte da cultura africana.

Entretanto, entendeu-se que quando os tokoístas, fomentaram o ensino e a proteção das línguas maternas, estavam a potenciar a cultura e a identidade africana, desafiando o colono e reduzindo os efeitos nefastos do epistemicídio ou linguicídio premeditado pelas entidades coloniais. De igual modo, com a etnização do Tokoísmo, Toko não pretendia dividir, mas fazer ressuscitar os valores positivos da cultura africana, que havia sido atingida pelo Colonialismo há séculos. Outrossim, ao instituírem ou compreenderem que Simão Toko é o Cristo e salvador dos pretos, estavam desconstruindo a ideia racista colonial de que Deus é branco e só por meio do Cristianismo ocidental se chega ao paraíso.

## Referências

ARAGÃO, José Wellington Marinho de.; NETA, Maria Adelina Hayne Mendes. Metodologia Científica. Salvador: UFBA, 2017.

EVARISTO, Jeferson. Linguicídio africano no Brasil. Fórum Linguístico, Rio de Janeiro, v. 18 n. 4 (2021). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/83305/48302>. Acesso em: 21 jan. 2024.

ENCYCLOPAEDIA UNIVERSALIS. Etnocídio. Paris: Universalia, 1974. Disponível em: <http://www.edufrn.ufrn.br/bitstream/123456789/773/1/DO%20ETNOC%C3%8DDIO.%20Arqueologia%20da%20viol%C3%Aancia%20pesquisas%20de%20antropologia%20pol%C3%ADtica.%20CLASTRES%2C%20Pierre.%201980.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2024.

FERREIRA, Cléria de Lourdes. O Tokoísmo como Elemento da Identidade Angolana (1950-1965). 2012.149 f. Dissertação (Mestrado em História de África), Faculdade de Letras Departamento, Universidade de Lisboa: de História. Lisboa.

GONÇALVES, Robson de Andrade; MUCHERONI, Marcos L. O que é epistemicídio? Uma introdução ao conceito para a área da Ciência da Informação. Liinc em Revista, Rio de

Janeiro, v. 17, n. 2, e5759, nov. 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/download/5759/5385/20122>. Acesso em: 29 dez. 2023.

JUNIOR, Guanis de Barros Vilela. O que é Epistemologia?. [s.l: s.e.],[s.d.]. disponível em: <https://www.cpaqv.org/epistemologia/oqueeepistemologia.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2023.

KIBETA, Simão Fernando. Simão Toko: o profeta africano em Angola. Luanda: [s.e], 2002.

KISELA, Joaquim Albino. Simão Tôco: a trajetória de um homem de paz. Luanda: Outros Horizontes, 2013.

NAWROSKI, Alcione; FRANCISCO, Vanderlei Ferreira da Costa. Matar o outro: Etnicídio,epistemicídio e linguicídio na formação histórico-cultural da América Latina. Revista del CESLA, Varsóvia, vol. 30, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/2433/243374728001/243374728001.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2024.

NUNES, Afonso. Enciclopédia Tocoísta: Génese e identidade Doutrinária. Luanda: Acácia , 2018.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011.

PAULA, Daniele P. de. Oficina - antivírus. Mina Gerais: Ubá - MG, 2018. Disponível em: <https://www.uba.mg.leg.br/escola-do-legislativo/tutoriais-inclusao-digital/curso-de-antivirus.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2023.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. Do epistemicídio: as estratégias de matar o conhecimento negro africano e afrodiaspórico. Problemata: R. Intern. Fil. V. 10. n. 2, 2019, p. 167-194. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7856557.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2024.

PEDRO, Bengui. História 10ª Classe. Luanda: Texto editores, 2012.

PARREIRA, Adriano. Breve Cronologia da História de Angola. Luanda: Nzila, 2003.

PORTUGAL. Decreto-Lei nº 39.666, de 20 de Maio de 1954: dispõe sobre o Estatuto dos indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique. Lex: Coletânea de Legislação e Jurisprudência, Lisboa. 1954, p.201. 20 de Maio de 1954.